

À BEIRA DO PRECIPÍCIO – A INTERSEÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE CIÊNCIAS: UM OLHAR ACERCA DA 14ª EDIÇÃO DO ENPEC

ON THE EDGE OF THE ABYSS – THE INTERSECTION OF GENDER IDENTITY AND SEXUAL ORIENTATION IN SCIENCE EDUCATION: A LOOK AT THE 14TH EDITION OF ENPEC

Danrvey Christian Monteiro dos Santos¹
Mateus Vinicius Teles Lima²
Regiani Magalhães de Oliveira Yamazaki³

Resumo: a comunidade LGBTQIAPN+ e suas temáticas aliadas, como a sexualidade, sofrem de um processo abrupto de marginalização e invisibilização, resultando na sua ausência em diversas esferas da sociedade, entre elas, nas pesquisas de eventos científicos. A partir disso, esse trabalho tem por objetivo compreender como identidade de gênero e orientação sexual estão presentes na 14ª edição do ENPEC, evento esse visto como o mais relevante na área do Ensino de Ciências. Com caráter qualitativo e sendo um recorte de outra maior, essa pesquisa ocorreu por meio de um Estudo Bibliográfico da última edição do ENPEC, com auxílio de descritores buscou-se identificar essas publicações que envolvessem os temas buscados. Os dados mostram que a inserção desses conteúdos foi preocupantemente baixa, pois, de 1.046 trabalhos publicados, apenas 30 os abordam, resultando em 2,86%. O que é preocupante, pois, o ENPEC é um evento que tem como público-alvo docentes que realizam pesquisas, assim, conteúdos fundamentais para a escola deveriam ser prioridades, mas a realidade parece ser outra.

Palavras-chave: Discriminação; LGBT; Professores; Sexualidade.

Abstract: the LGBTQIAPN+ community and its related themes, such as sexuality, experience an abrupt process of marginalization and invisibilization, which results in their absence across various spheres of society—including scientific research events. In light of this, the present study aims to understand how gender identity and sexual orientation are represented in the 14th edition of ENPEC, a conference regarded as the most relevant in the field of Science Education. With a qualitative approach and as a subset of a broader research project, this study was conducted through a bibliographic review of the latest ENPEC edition. Using specific descriptors, the goal was to identify publications addressing the targeted themes. The data revealed an alarmingly low inclusion of these topics: out of 1,046 papers published, only 30 addressed them, representing just 2.86%. This is concerning, as ENPEC is a conference primarily aimed at teacher-researchers—thus, fundamental topics for schools should be prioritized, yet the reality appears to be quite different.

Keywords: Discrimination; LGBT; Teachers; Sexuality.

1 INTRODUÇÃO

É amplamente perceptível que, nos últimos anos, o Brasil tem apresentado índices altíssimos em relação às taxas de desemprego. No entanto, quando falamos da comunidade LGBTQIAPN+, os desafios se intensificam ainda mais, já que esse grupo enfrenta,

¹ Doutoranda em Educação (PPGEdu) - UFGD, Mestra em Ensino de Ciências (PPGECMat) e Graduada em Ciências Biológicas - UFGD.

² Mestrando em Ensino de Ciências (PPGECMat) e Graduado em Ciências Biológicas - UFGD.

³ Doutora em Educação Científica e Tecnológica - PPGECT pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e Docente permanente no Mestrado em Educação e Territorialidade (PPGET-UFGD) e no Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECMat-UFGD).

cotidianamente, situações de preconceito, exclusão social, violações de direitos e obstáculos no acesso à educação e à inserção no mercado de trabalho (Thamara, 2021).

A sociedade brasileira é extremamente desigual, e esta desigualdade apoia-se no preconceito tornando difícil avaliar com segurança de que lado da tomada de dados se encontram as maiores barreiras. É fato que quem não pergunta não tem respostas. As intersecções entre sexo, gênero e sexualidade podem tornar complexos os caminhos do diálogo em um mundo mentalmente 'binarizado' entre meninas de rosa e meninos de azul. Assim, é fundamental que todos nós estejamos fortemente engajados e abertos para pluralizar nossas mentes, corações e organizações (Moreira; Vilaça, 2022, n.p.).

Com a chegada dos novos tempos, é perceptível que os debates sobre a sexualidade passaram a ocupar novos espaços, mesmo que aos poucos, por meio de grupos de estudo e eventos científicos vinculados a diferentes universidades e faculdades em todo o país, conquistando crescente reconhecimento no meio acadêmico.

Com isso, o presente trabalho investiga a participação das temáticas de identidade de gênero e orientação sexual na décima quarta (14^o) edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC), buscando compreender como o evento, reconhecido como o maior na área de Ensino de Ciências do Brasil, aborda esses temas que são invisibilizados e tratados como tabus na sociedade.

2 ENPEC – O ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS

Desenvolvido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de Ciências (ABRAPEC) em 1997, o Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) é um evento de caráter bienal, ou seja, acontece a cada dois anos, com a sua última edição (14^o), ocorrendo em outubro de 2023 presencialmente na cidade de Caldas Novas-GO (Monteiro; Nardi, 2007).

Sobre a ABRAPEC, é visto que possui como objetivo perpetuar, promover e incentivar pesquisas na área do Ensino de Ciências por meio dos seus canais. O público-alvo do ENPEC são docentes que pesquisam, independente se são da Educação Básica e/ou do Ensino Superior, bem como, estudantes de graduação e pós-graduação voltadas às licenciaturas.

Dentre as atividades presentes no ENPEC, destacam-se as mesas-redondas, conferências, apresentações de artigos, painéis, lançamentos de livros e mostras culturais (ABRAPEC, 2019).

Um ponto de suma importância é que devido consequências da pandemia de Covid-19 em 2020 e 2021, a edição anterior, a décima terceira (XIII ENPEC), foi realizada de forma

online com a temática de “A Centralidade da Pesquisa em Educação em Ciências em Tempos de Movimentos de não Ciência: Interação, Comunicação e Legitimação” (ABRAPEC, 2019).

Retornando de forma presencial em sua edição seguinte, o XIV ENPEC, realizado na cidade de Caldas Novas-Goiás entre os dias 02 a 06 de outubro de 2023, com auxílio do Centro de convenções DiRoma, a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e de outras instituições (ABRAPEC, 2019).

Com o objetivo de compreender os impactos sociopolíticos nacionais em relação a valorização da solidariedade, inclusão, cidadania e o cuidado com bem comum, a temática principal do XIV ENPEC foi “Pensar o conhecimento, agir em sociedade” (ABRAPEC, 2023).

Deste modo, abrindo margem para se discutir assuntos que afetam diretamente a educação e a sociedade, como racismo, machismo, capacitismo e as reflexões envolvendo identidade de gênero e orientação sexual, sendo esses dois últimos os objetos de estudo desta pesquisa, mas antes disso, fica necessário salientar acerca desses temas, visto que, por muitas vezes são tratados de forma errônea ou como sinônimos, mesmo não sendo.

3 ORIENTAÇÃO SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS PRÉVIOS

Aspectos da sexualidade humana, como o sexo biológico⁴, a orientação sexual e a identidade gênero podem apresentar interseções, entretanto, falam de conceitos diferentes presentes na construção da identidade pessoal. Por exemplo, uma pessoa homossexual não precisa, necessariamente, expressar comportamentos que contrariem estereótipos tradicionalmente associados ao seu gênero. Ressalta-se, ainda, que essas características não são imutáveis ao longo da vida, possibilitando que indivíduos vivem e expressam sua sexualidade como elementos fluídos, menos sujeitos a restrições e denominações (Santos; Freire, 2024).

A orientação sexual, para a *American Psychological Association* - APA (2009) diz respeito à conexão de um indivíduo com outro(as), embasada na atração física, sexual, emocional e/ou afetiva. Jesus (2012) acrescenta que orientação sexual é “[...] Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

De acordo com o Manual de Comunicação LGBTI+, existem três orientações sexuais mais midiáticas, a primeira sendo a homossexualidade, caracterizada pela atração de pessoas de mesmo gênero; a segunda é a heterossexualidade, entendida pela atração por pessoas de mesmo gênero, a famigerada relação binária (homens-mulheres) e patriarcal; a terceira é a bissexualidade, que envolve a atração por 2 gêneros (AGBLT, 2018).

⁴ A sociedade estabelece uma primeira diferenciação entre seus membros com base no “sexo”, nas genitálias propriamente falando, determinando tratamentos distintos e esperando padrões de comportamentos também diferentes (Dias, 2010). Entre outras característica do “sexo biológico”, encontram-se os hormônios, morfologias corporais e os cromossomos sexuais (XX,XY, entre outros).

Dentro da homossexualidade, encontram-se dois segmentos principais: os gays, que são homens (cis ou trans) que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros, e as lésbicas, mulheres (cis ou trans) que se sentem afetiva e/ou sexualmente atraídas por outras mulheres (AGBLT, 2018).

Nos últimos anos, as discussões sobre sexualidade têm ganhado cada vez mais destaque, o que contribuiu para a ampliação do acesso a informações e à valorização dos direitos da comunidade LGBTQIAPN+. Com isso, tornou-se mais evidente que nem todas as orientações sexuais seguem os moldes tradicionais da relação heterossexual. Há, hoje, o reconhecimento de outras orientações em que a atração pode ocorrer por múltiplos gêneros (polissexualidade) e até mesmo acontecendo independente de gênero (pansexualidade).

Dentre essas orientações sexuais menos conhecidas, é avistado a assexualidade, conhecida por ser a ausência, o baixo nível de desejo sexual e/ou redução de atração sexual de uma pessoa, com isso a pessoa assexual “[...] é aquela que não vivencia a atração sexual, algo que lhe é intrínseco e, portanto, difere do celibato que consiste em uma escolha, o que faz da assexualidade uma orientação sexual [...]” (Santos; Carvalho, 2019, p. 2711).

Dessa forma, entendemos que a assexualidade não é uma escolha ou uma circunstância a ser tratada, mas sim, uma autoidentificação, uma parte de sua identidade (Santos, 2016).

O artigo “Assexualidade: Os desafios para o reconhecimento e aceitação social” publicado na Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE, realizou uma análise dos depoimentos presentes no veículo de comunicação da *BBC News Brasil* em uma matéria que falava acerca da assexualidade (Lima, 2021).

Em que um dos depoimentos sobre as vivências de pessoas assexuais dizia:

Muitas pessoas acreditam que assexuais não sofrem preconceitos, o que é uma tolice. Vivemos em uma sociedade na qual o sexo ainda representa sucesso e poder. Somos constantemente ensinados que só podemos nos sentir valorizados ao termos alguém, ao sermos desejados. É clara a existência de uma estrutura social que, com muita facilidade, reproduz preconceitos contra os assexuais. Durante anos, me senti uma pessoa quebrada. Uma das piores coisas era não encontrar quem pudesse me ajudar a entender o que eu sentia. Acho que muito do sofrimento que assexuais relatam sentir em suas vidas é culpa da falta de conhecimento e visibilidade sobre a assexualidade (W.M., idade não declarada) (Lima, 2021, p. 121).

Já a identidade de gênero, segundo Connell e Pearse (2015), é o aglomerado de condutas socioculturais impostas, que alinham a sociedade com o entendimento da visão do “homem” e da “mulher”, sendo assim, independente do “sexo biológico” e das genitálias, guiando papéis distintos e formando a identidade pessoal do indivíduo.

Segundo Siciliano, Souza e Meth (2017):

O conceito moderno do termo gênero surgiu no final dos anos 1960, quando o psiquiatra Robert Stoller – ao pesquisar meninos e meninas que, por causa de problemas anatômicos, foram criados como se fossem do sexo oposto – estabeleceu a diferença entre sexo e gênero. A partir desta pesquisa, publicada no livro "Sex and gender: on the development of masculinity and femininity", Stoller percebeu que existiam duas categorias: uma biológica, que demonstraria que o ser humano, como espécie, precisa de diferenciação sexual para se reproduzir (sexo), e outra psicológica, que seriam os comportamentos atribuídos e esperados de cada sexo (gênero) (Souza; Meth, 2017, p. 146).

Concordando com Dalsotto (2021, p. 29) que diz “[...] a identidade de gênero corresponde à forma como alguém se percebe, sem influência social ou sexual, demonstrando que identidade de gênero e orientação sexual não são sinônimos e não necessariamente estão relacionados”.

Nesse sentido, “[...] identidade de gênero é o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento” (Jesus, 2012, p. 24).

Nessa perspectiva, Jesus (2012) acrescenta que:

Quando ocorre que o indivíduo se identifique e se expresse com o mesmo gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento, o mesmo é classificado como cisgênero (cis). Mas, em casos das pessoas que não se identificam com o mesmo gênero que lhe foi dado ao nascer, essas pessoas se reconhecem como transgêneros (trans) (Jesus, 2012, p. 24).

A partir disso, compreendemos que orientação sexual e identidade de gênero são aspectos de dimensões diferentes dentro da sexualidade humana, enquanto o primeiro fala acerca das atrações de uma pessoa por outra, o segundo elucida a identidade pessoal e social do indivíduo, guiada por papéis e expressões de gênero, assim, ambas não podem ser tratadas como sinônimas.

Colling (2018) destaca que muitas pessoas desafiam abruptamente essas normas sociais, como os membros da comunidade LGBTQIAPN+ que são perseguidos, violentados, marginalizados e que enfrentam dificuldades em diversos setores, como por exemplo, nas instituições de ensino.

Sendo esse o motivo da inserção de “Sexualidade” no hall dos Temas Transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), assim, fazendo com que conceitos adquiridos nas vivências dos estudantes, como a sua sexualidade, seja introduzido nos ambientes escolares (Brasil, 1997).

Entretanto, fica parecendo que essa comunidade é invisível, uma vez que, mesmo com inúmeros casos de LGBTQIAPN+fobia em todo mundo, ainda assim, não é suficiente para

que essas temáticas sejam aplicadas de maneira mais significativa nos espaços escolares, um vislumbre disso, é a participação desses temas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento esse que mesmo utilizado para auxiliar e moldar o papel docente, em que a BNCC trata essas questões de forma bem incipiente e reducionista, visto que, segundo Santos, Yamazaki e Yamazaki (2024) das 445 habilidades encontradas nas áreas das Ciências Humanas e da Natureza no Ensino Fundamental e Médio, unicamente 21 abordam os conteúdos voltados à sexualidade, resultando em 4,7%.

A discussão sobre o tema da sexualidade e da educação sexual ganhou mais relevante espaço com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), especificamente com os documentos que tratam dos Temas Transversais e abordam essa temática. Essa proposta é inovadora porque incluiu a educação sexual (usando a denominação orientação sexual) no currículo, visando à preparação dos alunos para exercerem sua sexualidade com consciência (Gonini; Ribeiro, 2011, p. 2).

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante dessa complexidade conceitual e da urgência em combater a invisibilização das identidades LGBTQIAPN+ nos espaços educacionais especialmente no ensino de ciências, encontramos em Paulo Freire o alicerce teórico que fundamenta a luta contra essa marginalização, por causa de sua Educação Humanizadora, assim consolidando e fundamentando inúmeras pesquisas nessas áreas.

Dentre as suas obras, destaca-se a “Pedagogia da Autonomia (1996)”, em que no seu primeiro capítulo de nome “Não há docência sem discência”, Freire faz reflexões sobre o papel do professor à frente de várias questões presentes no ambiente escolar, inclusive das perseguições que alguns grupos sofrem nessas localidades.

Um exemplo disso é o subcapítulo denominado “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”, que nele diz que é uma obrigação docente o combate aos diferentes tipos de preconceito e que ser essa figura anti-preconceito é um dever ético e que não pode ser dessassociado de suas práticas pedagógicas, pois, “[...] respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros [...]” (Freire, 2019, p. 58).

Desta forma, percebemos que o professor precisa ser a voz que vai dar visibilidade na escola para esses temas que auxiliam na luta de grupos sociais, como a comunidade LGBTQIAPN+ e ao mesmo tempo ajuda na construção do repúdio aos diários casos de homofobia, transfobia, machismo, misoginia, entre outros, que tanto são presentes nos espaços escolares.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (Freire, 2019, p. 19).

Freire fala desse papel docente também em outras obras, como na “Pedagogia do Oprimido (1987)” e na “À Sombra da Mangueira (2015), criticando toda e/ou qualquer manifestação de violência, porque a violência “[...] fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a de Ser Mais [...]” (Freire, 1987, p. 27).

Lutar contra a exploração, contra a discriminação, contra a negação de nós mesmos é um imperativo ético. Discriminados porque negros, discriminadas porque mulheres, discriminados porque homossexuais, ou trabalhadores ou brasileiros ou árabes ou judeus, não importa porque discriminados, temos o dever de protestar e de lutar contra a discriminação. A discriminação nos ofende enquanto fere a substantividade de nosso ser (Freire, 2015, p. 79).

Nessa busca pela plenitude da vocação para o *Ser Mais*, entendida como um processo contínuo de humanização e de aprofundamento máximo nos direitos humanos dos cidadãos, os indivíduos aprimoram sua humanidade ao mesmo tempo em que assimilam conhecimentos que combatem todas as formas de preconceito, permitindo-lhes perceber e compreender melhor o mundo ao seu redor.

Dessa forma, levando em consideração que Paulo Freire vai contra as diferentes expressões de preconceitos e ao mesmo tempo enaltece todas as existências, bem como, o fato de que o ENPEC tem como público-alvo pessoas que são docentes e pesquisadores. Essa pesquisa se justifica, pois, investiga como uma temática, invisibilizada em diversos setores, se comporta no ENPEC, evento esse considerado o maior na área de Ensino de Ciências do Brasil. Assim, levando em consideração que as temáticas de identidade de gênero e orientação sexual passam por um processo de invisibilização grave, a presente pesquisa visa investigar: Quantos trabalhos envolvendo identidade de gênero e orientação sexual foram apresentados na 14^o edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)?

Nesse viés, o objetivo deste trabalho é compreender como identidade de gênero e orientação sexual se comportaram na 14^o edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC).

5 METODOLOGIA

Essa pesquisa, que é um recorte de outra maior, é disposta de um caráter qualitativo, pois, a representação numérica não é o eixo principal da pesquisa, mas sim, o entendimento

acerca de um grupo social e/ou organização a ser estudada (Gerhardt; Silveira, 2009) que nesse caso, são os temas de identidade de gênero e orientação sexual nessas pesquisas apresentadas no o XIV ENPEC.

Aplicada através de um Estado da Arte, metodologia conhecida por investigar e levantar temáticas selecionadas (Ferreira, 2002).

Moretti (2022) acrescenta que a metodologia do Estado da Arte, em uma linguagem acadêmica, é realizada para compreender como está a produção atual do conhecimento científico a respeito de um determinado tema. Consiste no nível mais alto de conhecimento a respeito de um determinado campo.

Levantamentos bibliográficos servem como um alicerce para a pesquisa científica, pois permite que o pesquisador compreenda o estado da arte em sua área de estudo. Ao explorar diferentes fontes, como artigos, livros e teses, o pesquisador pode identificar lacunas no conhecimento existente e, assim, definir um problema de pesquisa que seja relevante e inovador. Essa compreensão do contexto científico é essencial para que o trabalho contribua de maneira significativa para a área de estudo (Perea, 2025, n.p).

O levantamento de dados aconteceu através do site da ABRAPEC⁵, investigando apenas o XIV ENPEC de 2023, que tinha como proposta o dossiê: “Pensar o Conhecimento, Agir em Sociedade”.

Essa pesquisa se apresentou em cinco (5) momentos, que podem ser vistos no Quadro 1 a seguir:

QUADRO 1 - Percurso metodológico da pesquisa

Momentos	Atividade	Descrição
Momento 1	Contagem das publicações	Acesso ao site da ABRAPEC, na aba “Trabalhos Publicados”, ocorrendo o somatório de todos os trabalhos publicados no XIV ENPEC.
Momento 2	Identificação de trabalhos	Após a contagem da totalidade de publicações, houve a identificação dos trabalhos envolvendo identidade de gênero e orientação sexual. Para isso, utilizou-se descritores, tais como, “Gênero”, “Sex*”, “LGBT”, “Trans” e “Preconceito” nos títulos, palavras-chave e resumos das publicações. A seleção dos descritores foi feita de modo que possibilitasse uma maior margem de encontro de trabalhos com as temáticas.
Momento 3	Leitura dos trabalhos	Os trabalhos encontrados com auxílio dos descritores tiveram seus títulos, resumos e palavras-chave lidos e analisados, a fim de validar a participação desses temas. Essa etapa é crucial, pois, é aqui que ocorre o descarte de trabalhos não-necessários. Para o descarte de material , foram utilizadas 2 condições: 1 - Quando o descritor só for registrado nos títulos, sem estar presente nos resumos e palavras-chave, ou vice-versa. 2 - Quando o descritor apresentar mais de um significado, como por exemplo, o descritor “gênero”, que para a taxonomia e para a gramática contém conceitos diferentes, necessitando-se de uma leitura em seu resumo para a validação da temática.
Momento 4	Separação dos trabalhos	As pesquisas validadas foram separadas e destinadas ao Quadro 2.
Momento 5	Desenvolvimento do Quadro 2	Criação de um quadro descritivo sobre a participação de identidade de gênero e orientação sexual no XIV ENPEC, elucidando os títulos dos trabalhos encontrados; as universidades dos autores por trás da pesquisa, e por fim, em sua última coluna, categoriza esses trabalhos em: “Identidade de gênero” - quando o trabalho falar sobre conceitos das identidades, expressões e problemáticas de gênero; “Orientação sexual” - quando tratar de questões voltadas às orientações sexuais; e “Sexualidade no geral” - quando abordar outras questões voltadas à sexualidade que não sejam necessariamente sobre identidade de gênero e orientação sexual.

Fonte: Autores (2026)

⁵ Site da ABRAPEC disponível e: <https://editorarealize.com.br/edicao/anais-do-xiv-encontro-nacional-de-pesquisa-em-educacao-em-ciencias/pesquisa?autor=&titulo=penis&modalidade=&at=>. Acesso em 10 abr. 2025.

A justificativa para escolha desse evento reside no fato do mesmo ser reconhecido por ser um dos principais eventos de socialização de pesquisas nas áreas de Ensino de Ciências do país, reunindo professores que também são pesquisadores, desta maneira, criando um espaço para se discutir diversas pautas presentes nos âmbitos escolares, mais especificamente, a sexualidade.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir dessa metodologia e com o auxílio dos descritores, descobrimos que na 14ª edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) foram publicados 1.046 trabalhos, no qual 30 deles contém os conceitos de identidade de gênero e/ou orientação sexual, totalizando 2,86% das publicações totais, como pode ser visto no Quadro 2 a seguir.

QUADRO 2 - Publicações envolvendo Identidade de Gênero e orientação sexual no XIV ENPEC

Nº	Títulos dos trabalhos encontrados	Universidades dos autores	Categoria
1	A “ideologia de gênero” pelo olhar dos/as legisladores/as: a resistência em nominar a diversidade e os caminhos para 2024	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Identidade de gênero
2	A importância feminina na história do desenvolvimento dos jogos online	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Identidade de gênero
3	Da norma ao anormal: aproximações e tensões sobre os estudos queer para um Ensino de Ciências transgressor	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Sexualidade no geral
4	Diálogos sobre educação sexual no contexto da educação popular em saúde em um Clube de Ciências escolar	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Sexualidade no geral
5	Direitos Humanos, Gênero e Ensino de Química: um levantamento nos anais do ENPEC (2015 - 2021)	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Identidade de gênero
6	Ensino remoto emergencial na pandemia do COVID19 e seus impactos na Educação sexual	Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Luiz Meneghel	Sexualidade no geral
7	Ensino de Ciências e o feminismo em pesquisas brasileiras: Possíveis interlocuções	Universidade de Brasília (UNB)	Identidade de gênero
8	Estudos feministas e a crítica ao androcentrismo na ciência: contribuições para educação científica	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Identidade de gênero
9	Gênero e História da Ciências: Argumentos de Estudante de Química a Respeito da Participação de Mulheres nas Ciências Exatas	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Identidade de gênero
10	Gênero e sexualidade nas aulas de ciências: em análise a noção dos docentes entremeada pelo currículo de ciências no 8º ano do ensino fundamental	Universidade do Estado do Amapá (UEAP)	Identidade de gênero
11	Gênero, Sexualidade e Formação de Professores – Um diálogo teórico entre Paulo Freire, Maurice Tardif e Guacira Lopes Louro	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	Sexualidade no geral
12	Gênero, Sexualidade e Livros Didáticos: desafios e pistas possíveis na Educação em Biologia	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)	Sexualidade no geral
13	Investigando narrativas de (e sobre) pessoas trans na internet: produção da vida no currículo escolar	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Identidade de gênero
14	JOANINHA: representações de gênero e educação em ciências nos livros infantis	Universidade Federal de São Paulo (UFSP)	Identidade de gênero
15	Movimentos conservadores e o ensino de Ciências e Biologia: desafios aos debates sobre gênero e sexualidades nas salas de aula	Universidade Federal Fluminense (UFF)	Sexualidade no geral
16	Mulheres no CNPq – Uma análise de possíveis mecanismos de desigualdade de gênero no fomento federal à CT&I	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Identidade de gênero

17	O ensino de gênero e a promoção do pensamento crítico	Universidade Federal da Bahia (UFBA) Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	Identidade de gênero
18	O pensamento de Michel Foucault: contribuições para a Educação do Ensino de Biologia e de Ciência no combate da discriminação contra a homossexualidade	Não disponível	Orientação sexual
19	Percepções de famílias sobre abordagens antirracistas e de diversidade sexual e de gênero na educação científica de estudantes no ensino fundamental	Universidade Federal do Norte de Tocantins (UFNT) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Sexualidade no geral
20	Pesquisas de gênero e Física na universidade: um estudo bibliográfico	Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	Identidade de gênero
21	Pressupostos feministas para um ensino de ciências voltado à promoção de equidade de gênero	Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)	Identidade de gênero
22	Problematisações de Gênero e Raça em obras de “projetos de vida” ofertadas ao ensino médio na nova BNCC	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Identidade de gênero
23	Questões de gênero no Ensino de Física: a feminilidade e a Ciência-Tecnologia	Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)	Identidade de gênero
24	Reflexões sobre Natureza da Ciência e gênero a partir do tema hormônios esteróides	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Identidade de gênero
25	Relação de gênero e Formação de Professores de Ciências no Brasil	Universidade de Brasília (UNB)	Identidade de gênero
26	Sexualidades em Jogo no Currículo Escolar	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Sexualidade no geral
27	Sinergias e Alergias entre o Ensino de Química e a temática de Gênero e Sexualidade	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Sexualidade no geral
28	Trajetória pessoal e científica de Irène Joliot-Curie pautada em aspectos de gênero	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	Sexualidade no geral
29	Tensões e intenções de gênero e sexualidade para um ensino de biologia	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Sexualidade no geral
30	Um olhar para a heterogeneidade de modos de pensar sobre calor e temperatura que emerge na fala de licenciandos em Química	Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)	Orientação sexual

Fonte: Autores (2026)

Desses 30 trabalhos, 2 foram categorizados em “Orientação sexual”, 11 em “Sexualidade no geral” e 17 em “Identidade de gênero”, assim, percebemos que a maioria dessas pesquisas apresentam questões de gênero, como as pautas feministas, de direitos humanos e das relações e estudos de gênero.

Figueiró (2006) pontua que para os conteúdos relacionados à sexualidade sejam trabalhados de forma eficaz, é fundamental que o educador passe por um processo de reeducação. Somente assim será possível promover ambientes propícios à socialização desses conhecimentos. Nesse sentido, torna-se indispensável a inclusão dessas temáticas na formação inicial, na pós-graduação e nos eventos científicos.

A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, tanto na saúde física como na mental. Por isso, manter pesquisas atualizadas e principalmente, fazer com que essas informações cheguem à população, refutando muitas vezes crenças e conhecimentos empíricos enraizados, torna-se um desafio que afeta saúde e segurança pública em diversos âmbitos (Homero *et al.*, 2024, p. 2).

Observar esses temas sendo tratados de forma tão tímida no ENPEC é preocupante e alarmante, porque necessitamos que novas pesquisas com esses conteúdos surjam para que a veiculação desses saberes continuem, bem como, os eventos científicos de âmbito nacional precisam desenvolver estratégias para que esses temas sejam trabalhados de maneira mais significativa, pois, consideramos que a representatividade baixa de pesquisas envolvendo identidade de gênero e orientação sexual colabora diretamente na marginalização, invisibilização e discriminação de pessoas que fujam dos padrões binários, cisgênero e heteronormativos pré-estabelecidos na sociedade.

Pesquisas que realizam levantamentos bibliográficos são fundamentais para compreender como uma determinada temática está sendo debatida na atualidade, no caso da inserção dos temas buscados, percebemos que há uma barreira que impede que mais pesquisadores e pesquisadoras venham a se debruçar acerca desses conteúdos, afetando assim, no desenvolvimento de mais pesquisas voltadas a área.

Estamos em um momento em que se coloca a necessidade de revisões e levantamentos mais abrangentes que mapeiem as publicações existentes, de modo a permitir identificar as principais tendências do campo, as orientações teórico-metodológicas, as áreas disciplinares preferidas em detrimento de outras preteridas ao longo desse processo (Piscitelli; Beleli; Lopes, 2003, n.p).

Essa baixa representatividade pode impactar diretamente na criação e na implementação de políticas públicas, além de dificultar a expansão de espaços que debatam sobre temas essenciais para a sociedade. É fundamental que eventos científicos dessa magnitude, como o ENPEC, promovam a construção e perpetuação de novos conhecimentos, possibilitando, assim, o combate ao racismo, ao machismo, ao feminicídio e, especialmente, LGBTQIAPN+fobia (Mokwa, 2014).

Estudos sobre gênero e sexualidade vem para romper o paradigma heteronormativo, reconhecendo que as pessoas nascem com determinadas capacidades biológicas (cromossomos, genitálias, gônadas, hormonais) que os classificam como macho e fêmea, mas que seu papel social, sua orientação sexual e sua identidade de gênero não são imutáveis, mas se constroem ao longo da vida (Santos; Freire, 2024, p. 28).

Essas discussões sobre identidade de gênero e orientação sexual são cruciais, principalmente depois do (des)governo do ex-Presidente da República Jair Bolsonaro, que além de atacar publicamente os membros da comunidade LGBTQIAPN+, ainda utilizava a expressão “ideologia de gênero” para espalhar desinformação, bem como, atrair grupos conservadores de viés político-religioso (Passos, 2023).

O termo *Ideologia de Gênero* foi artificialmente criado para rotular negativamente um campo científico em franco processo de crescimento e reconhecimento. Como cientistas, não podemos aceitar sem críticas o que é dito, principalmente nas redes sociais, sobre o que seja a Ideologia de Gênero, até porque se trata de um grave erro conceitual fundamentado no senso comum e em interpretações opinativas. Não são os Estudos de Gênero que constituem uma ideologia, mas sim seus detratores, que agem a partir de uma ideologia (Ribeiro, 2017, n.p).

Diante do exposto, a participação de identidade de gênero e orientação sexual na 14ª edição do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC) foi incipiente, uma vez que, apenas 2,86% das publicações falam desses temas, e em vez de aproximar os participantes do evento com a realidade social dos membros dessa comunidade, com as discriminações vistas por meio dos casos de feminicídio, homofobia, transfobia e LGBTQIAP+fobia, acaba tornando a temática invisível nesse ambiente, o que dificulta na compreensão e na busca do *ser mais*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo com esse público-alvo, o número de pesquisas no ENPEC que falam de temas tabus nos ambientes escolares deveria ser significativo, entretanto, ao falar acerca da inserção de identidade de gênero e orientação sexual, percebemos que essa representação é bastante baixa, no qual apenas 30 trabalhos (2,86%) aborda essas questões. É preciso que as correntes que prendem esses assuntos sejam quebradas, pois é inadmissível que nos tempos atuais, eventos dessa dimensão abordem esses temas de maneira tão tímida.

Reiteramos que é fundamental impulsionar a criação de novos dossiês como estratégia para manter essas discussões em evidência, atraindo pessoas que pesquisam de diferentes localidades, identidades e vivências. Conseqüentemente, isso oportuniza a existência de mais pesquisas sobre esses temas, considerando que investigações futuras são essenciais para a veiculação da complexidade humana. Além disso, tais estudos podem contribuir diretamente na formação contínua de professores e na elaboração de práticas e materiais pedagógicos que problematizem e evidenciem as diversas formas de discriminação existentes.

Defendemos que tais discussões não se limitem na finalização dessa pesquisa, mas sim, devendo avançar até que alcancem outras instâncias, ultrapassando barreiras e promovendo mudanças no cenário atual que tanto contribui no aumento da invisibilidade, marginalização, intolerância e violência contra corpos não cis-heteronormativos.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos desta pesquisa vão inicialmente para o Sitawi-Carrefour, pelo fomento da bolsa de permanência e pesquisa, como também, para o Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECMat) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), pela oportunidade de desenvolver esse trabalho.

REFERÊNCIAS

- ABRAPEC. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**. 2019. Disponível em: <https://abrapec.com/sobre>. Acesso em: 10 mar. 2025
- ABRAPEC. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**. 2019. Disponível em: <https://abrapec.com/enpec-edicoes-anteriores>. Acesso em: 10 mar. 2025
- ABRAPEC. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**. 2023. Disponível em: <https://www.enpec2023.com.br/sobre-evento>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- APA, American Psychological Association. **Report of the Task Force of the American Psychological Association on Gender Identity and Gender Variance Washington**. 2009. Disponível em <https://www.apa.org/pi/lgbt/resources/policy/gender-identity-report.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- AGBLT – Associação Brasileira De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais E Intersexos. **Manual de comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/Gay Latino, 2018.
- COLLING, L. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.
- CONNELL R; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. 13 ed. São Paulo: Versos, 2015.
- DALSOTTO, A. C. O. **A não garantia dos direitos fundamentais de pessoas transgênero e não-binários pelo Estado**. Capão da Canoa, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade de Santa Cruz do Sul.
- DIAS, R. **Introdução à Sociologia**. 2. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26357153_As_pesquisas_denominadas_estado_da_arte. Acesso em: 10 mar. 2025.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível**. São Paulo: Loyola, 2006.
- FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **À Sombra desta Mangueira**. 9. ed. São Paulo: Editora Olho d'água, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D, T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-32, 2009.

GONINI, F. A. C.; RIBEIRO, P. R. M. Educação, sexualidade e gênero no GT 23 da ANPED: considerações, propostas e conhecimento. Congresso Nacional de Formação de Professores, Águas de Lindóia, SP, 2011. **Anais**, p. 3837 – 3844. Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2011.

HOMERO, M. T. A. C; FERREIRA, R. M.; SILVA, F. S; FARIAS, E. S; CAVALCANTE, L.T; CASTRO, O.W. O impacto do grupo de pesquisa “Sexualidade Múltiplos Olhares” na produção e divulgação do conhecimento sobre sexualidade. **Congresso Nacional de Educação (CONEDU)**, 2024, Campina Grande. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/111056>. Acesso em: 10 mar. 2025.

JESUS, J. G. **Orientações sobre Identidade de Gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012.

LIMA, C. M. N. Assexualidade: Os desafios para o reconhecimento e aceitação social. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, n. 7, v. 3, p. 110–125, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i3.762>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MOKWA, Valéria Marta Nonato Fernandes. **Estado da arte sobre sexualidade e educação sexual**: estudo analítico-descritivo de teses e dissertações produzidas na Universidade Estadual Paulista. 2014. 275 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/23cb5dc8-70bf-43a9-a465-79c234b543c2>. Acesso em: 10 mar. 2025.

MONTEIRO, Maria Amélia; NARDI, Roberto. Tendências das pesquisas sobre o ensino da física moderna e contemporânea apresentadas nos ENPEC. **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS**, v. 6, 2007.

MOREIRA, T; VILAÇA, M. A Comunidade LBGT+, a diversidade e os desafios da invisibilidade institucional. **The Nature Conservancy**, 2022. Disponível em: https://www.tnc.org.br/conectese/comunicacao/artigos-e-estudos/luta-igualdade-e-conservacao/?gad_source=1&gad_campaignid=17833725530&gbraid=0AAAAADQs253aBeeTVwtpYHz2g4D6EJXIV&gclid=Cj0KCOjwmqPDBhCAARIsADorxlaW8xsXC8j-p-ejhAQycJkaVqRxgflLC8EZxVqY8KGzt3r9Rs8sBuwaAnzsEALw_wcB. Acesso em: 10 mar. 2025.

MORETTI, I. Estado da arte: confira o significado, como usar e exemplos. **ViaCarreira**, 2022. Disponível em: <https://viacarreira.com/estado-da-arte/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PASSOS, M. C. A. As Redes Sociais não podem cancelar a transfobia. **Folha**, 10 maio 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2023/05/as-redes-sociais-nao-podem-cancelar-a-transfobia.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PEREA, A. A. A Importância do Levantamento Bibliográfico na Pesquisa Científica. **SocialSistems News**, 16 jan. 2025. Disponível em: <https://socialsistemsnews.com.br/a-importancia-do-levantamento-bibliografico-na-pesquisa-cientifica/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PISCITELLI, A; BELELI, I.; LOPES, M. M. Cadernos Pagu: Contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n.1, p. 242-246, jan/jun, 2003.

RIBEIRO, P. R. M. **Ideologia de Gênero x Estudos de Gênero**. Entrevista. Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP. 27/11/2017. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/30669/ideologia-de-genero-x-estudos-de-genero>. Acesso em: 05 fev. 2025.

SANTOS, D. C. M; YAMAZAKI, R. M & YAMAZAKI, S. C. Uso da Divulgação Científica (DC) para os conteúdos de Identidade de gênero, Sexualidade e Educação Sexual na Educação Básica baseadas nas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *In: II CONECEAS*, 2024.

SANTOS, R. N. R.; FREIRE, I. M. Contextualizando gênero e diversidade sexual no campo científico da Ciência da Informação. **Revista Analisando em Ciência da Informação (RACIn)**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p.22-48, 2019. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/racin/article/view/3981/2937>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, V. K. **(AS)sexualidades**: Processo de subjetivação e Resistência. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de São Paulo, 2016. 81 f. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19428>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, T. P. dos; CARVALHO, G. M. de. Assexualidade: orientação ou disfunção sexual? / Assexuality: sexual orientation or dysfunction?. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 2709–2728, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/1976>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SICILIANO, M; SOUZA, C. M; METH, C. M. S. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na Ciência da Informação? **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 144-165, maio/ago. 2017. - Acesso em: 10 mar. 2025.

THAMARA. As dificuldades enfrentadas pelas pessoas LGBTQIA+. **Fundo Brasil**, 27 ago. 2021. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/as-dificuldades-enfrentadas-pelas-pessoas-lgbtqia/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Recebido em: 05/07/2025

Aceito em: 18/03/2026